

21 DEZ 1995

FHC - Viagem

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Uma viagem que acaba em boa hora

Fernando Henrique Cardoso reassume hoje a Presidência depois de dez dias da mais desastrosa viagem ao exterior desde que tomou posse. Geralmente bem-sucedido quando sai e enche de orgulho quem fica por aqui a vê-lo transitar tão garboso e à vontade mundo afora, o presidente desta vez perdeu mais do que ganhou com a prolongada e inoportuna ausência.

Foi pautado pelos acontecimentos internos e não houve um dia sequer em que ele não precisasse dar explicações a respeito dos fatos que aqui se passavam. E mais grave: a cada nova questão, a crise se desenrolava desnorteada sem que o presidente estivesse presente para dar as soluções de interesse do governo. Os personagens trombavam-se e o país andava à sua revelia.

Está certo que todas as noites aqui e manhãs na China o vice-presidente Marco Maciel fazia um relato completo do que se passara durante o dia. De Fernando Henrique recebia a orientação e a ele prestava contas. Mas à opinião pública o que sobrou foi a impressão de que o presidente governava pelo rádio, televisão e jornais.

E ficou também a sensação de que o presidente falava demais e a respeito de fatos que acompanhava apenas através dos relatos do vice e dos noticiários. Não sentiu o cheiro da onça. Não sabia, portanto, qual era o grau de sua fome e muito menos pôde perceber o momento e a intensidade do ataque.

Ao longo deste ano, Fernando Henrique conseguiu muitas vezes aproveitar o resultado das viagens ao exterior para solucionar crises setoriais. A mais emblemática foi aquela feita aos Estados Unidos, em abril. Fez um sucesso tão grande por lá, deixou Bill Clinton de tal modo encantado que, quando voltou, o Congresso entrou nos eixos rapidamente. Afinal, quem é que ia negar o que quer que seja àquele estadista que tão bem nos representava?

Desta vez foi diferente. Não há cidadão que saiba dizer o que, afinal, foi fazer de útil o presidente na China ou na Malásia. Evidente que as viagens devem ter tido resultados práticos, que ficaram relegados a um plano inferior diante da enormidade dos problemas internos que havia a resolver.

A culpa não pode ser creditada aos que o presidente nomina "corvos" ou adeptos da fracassomania. A responsabilidade é toda dele, que saiu na hora em que não deveria.

E aqui não se trata de reproduzir impressões pefelistas como gostam de supor certos ministros deste governo. De fato, é mais fácil imaginar que anda tudo bem e que a crise é fruto de uma alucinação coletiva. Isso, aliás, foi o que praticamente disse o chefe do Gabinete Civil, Clóvis Carvalho, sorridente aos microfones de emissoras de televisão na noite de terça-feira.

Ficaria menos contente o ministro se tivesse oportunidade de, se não saber — porque deve estar cansado de ouvir —, pelo menos levar a sério o que dizem outros integrantes da equipe de Fernando Henrique, tucanos da linhagem do chefe.

Esses consideram que há uma evidente "desarrumação" no comando do governo e que a exposição do presidente, a bater boca com quem se apresenta ao embate, já está passando do limite. Mas não acreditam — e aí pensam diferente do PFL — que o presidente deva desembarcar anunciando mudanças. Apostam na reforma ministerial — sem açodamento —, mas apostam principalmente na mudança de atitude de cada ministro. O exemplo de Pedro Malan, que ontem falou ao JB em defesa do Banco Central, pela primeira vez na crise, é citado nessas conversas com elogios.

Os tucanos defendem a nomeação do articulador, mas acham principalmente que o cordão de proteção em torno do presidente deve ser formado pelo Ministério. Na avaliação desses, o presidente deve usar este final de ano não para tomar atitudes heróicas ou se deixar levar por rompantes. Deve, antes de mais nada, conversar e muito com todos os integrantes da aliança e do governo e só depois decidir qual o rumo a tomar.

Na análise da Vice Presidência, Fernando Henrique chega com o clima menos tenso, embora se reconheça ali que o presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães, seja um caso à parte. Muito mais grave: Tanto que na seara de Marco Maciel acredita-se que haveria ainda menos tensão se não fossem as declarações de Luís Eduardo na segunda-feira à noite cobrando autoridade ao presidente.

Apesar disso, de parte a parte, continua a valer a convicção de que ainda é fundamental a manutenção da aliança. Para os dois lados.

VPR, câmbio...

A paúra telefônica recrudescer a tal ponto em Brasília que as pessoas estão se falando na linguagem cifrada dos militares que servem à Presidência da República. Fernando Henrique é "PR" em todas as conversas, este código é mais que conhecido. A novidade fica por conta de

Marco Maciel, que começa a ser chamado de "VPR" ou "VPR-PE". Que tanto pode ser a tradução de vice-presidente quanto a seção pernambucana de uma certa Vanguarda Popular Revolucionária. A esta última só se recorre quando é necessário despistar o inimigo.